



O conspirador D. João d'Almeida, aprisionado perto d'Outeiro Seco, passando junto a um dos canhões apreendidos aos realistas (cliché Benoitel).

N.º 335 Lisboa, 22 de Julho de 1912

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑA:

Ilustração
PORTUGUEZA

Diretor e Proprietário: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE JOUBERT GRAVES

Redacção, Administração e Oficinas de Compo-



A alimentação das crianças

Apezar do grande numero de preparados que hoje em dia se apresentam no mercado para alimentação das crianças, está absolutamente provado por inumeras experiencias feitas pelos mais notaveis sabios de todo o mundo, que sómente o

LEITE MATERNO

quando puro e são permite fazer a verdadeira alimentação racional da criança.

O cuidado de todas as Mães deve ser, por isso, não administrar ás crianças taes preparados, mas sim aumental-as com leite rico, puro e são, que todas poderão possuir por meio de um tratamento racional com a

Somatose liquida

Com efeito, esta preparação, que é a *única que tem por base as albumoses da carne*, e que tem sido cognominada pelos medicos como o *galactogeneo ideal*, tomada desde algumas semanas antes do parto, fortifica notavelmente o organismo, e aumenta a secreção lactea, o que permite que todas as Mães possam satisfazer o seu maior anelo: *amamentarem elas proprias os seus filhos.*

Não esqueçam pois as Mães, que só empregando a preciosa

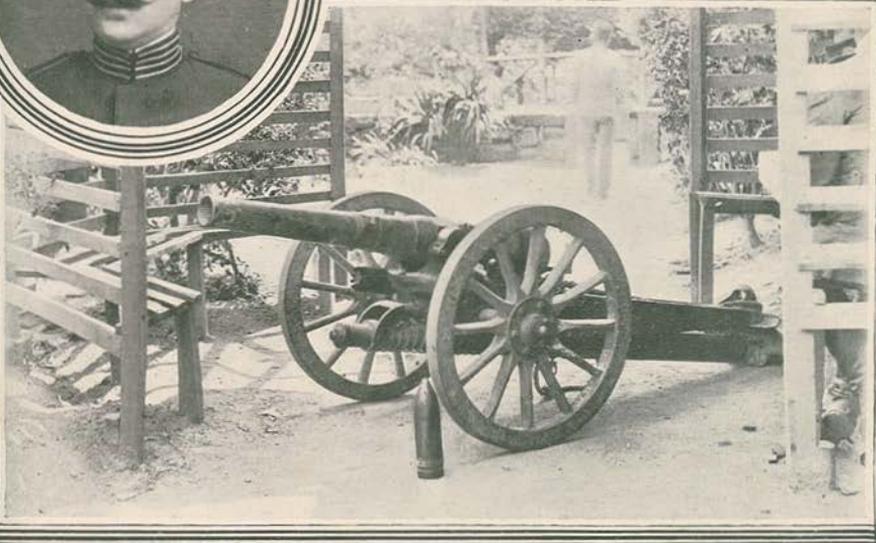
SOMATOSE LIQUIDA

conseguirão, ao mesmo tempo que tonificam o organismo enfraquecido, ter em abundancia leite puro, rico e são.



À VENDA EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS

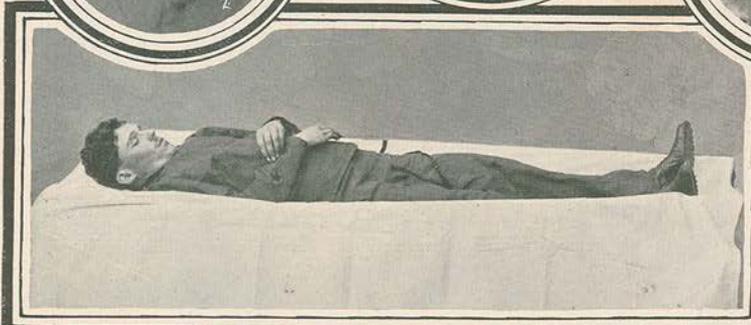
A DEFEZA GLORIOSA DA PATRIA



1—Chaves: Grupo de artilharia 4 que entrou em combate com duas peças. A' frente o capitão Maia Magalhães já ferido e o capitão de estado-maior Freitas Soares. Aos lados alferes Beleza e alferes Lobo, comandantes. 2—Tenente Fernandes Braga Barreiros, da Guarda Fiscal, que arvorou em Vila Verde da Raia a gloriosa bandeira Nacional em substituição da bandeira dos traidores. 3—Uma das peças tomadas no combate de Chaves a coluna de Paiva Couceiro.
(Clichés do distinto fotógrafo sr. Paulino Serimonias tiradas especialmente para o «Século» e «Ilustração».)

A tentativa realista, que tinha elementos em diversas terras do paiz, muniçada e formada no estrangeiro, veiu mostrar como no fundo de todos nós vive uma alma de soldado e como sentimos sempre o desprezo pela vida na hora em que assaltam a nossa terra, e nos pretendem ferir no que temos de mais sagrado como é a nos-

anciosa a pedir a sua espingarda e foi bater-se. Os regimentos saíram dos quartéis entre aplausos, entre vivas e os populares seguiram-nos com os olhos fitos na nova bandeira que o paiz escolheu. Houve homens do povo que se meteram entre os soldados e foram partilhando do seu pão com a esperança de que



1—Candido João de Barros, capitão do quadro de Mocimboa, que em Valença prestou os mais assinalados serviços á frente de um grupo.
2—O picador Ornelas de Vasconcelos filho dos viscondes de Ponte de Barca que foi ferido e aprisionado pelos soldados republicanos em Chaves.

sa independência política. Paiva Couceiro assumiu com as suas hostes na orla da raia, entrou com cumplidades, cercou, ameaçou praças; os seus caudilhos apareceram n'outros lados com espadas forjadas na terra estranha, com espingardas da terra estranha vindas. E então, enquanto os sinos tocavam os rebates nas aldeias, a multidão, a gente mais humilde, a que não se deixara fanatizar correu



3—Ex-capitão Augusto Ferreira, comandante da artilharia de Couceiro, derrotado em Chaves. 4—No combate de Valença: O soldado couceirista Frazão morto com um tiro na clavícula. 5—No combate de Valença: O soldado couceirista Silva que ficou com a cabeça esfacelada.

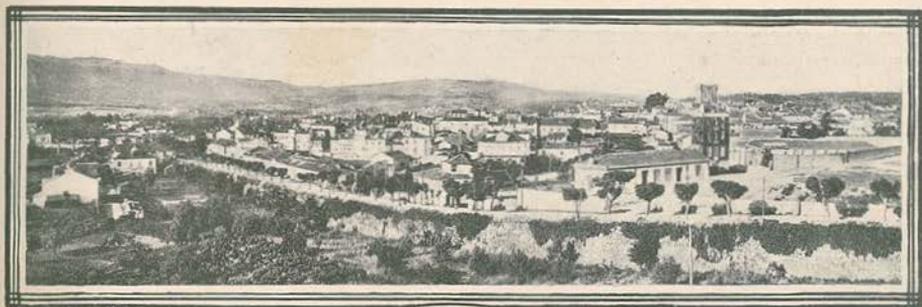
hes entregassem uma arma para combater; outros correram a oferecer-se; formaram-se grupos para

deira com os seus bravos officaes, cheios da ancia de combater.
lamos aqui azen-



1—Ex-tenente de cavalaria Vitor de Menezes um dos officaes concelristas que tomou parte no ataque de Chaves.

3—Ex-official de reserva Jaime Caio, ao serviço de Concelro.

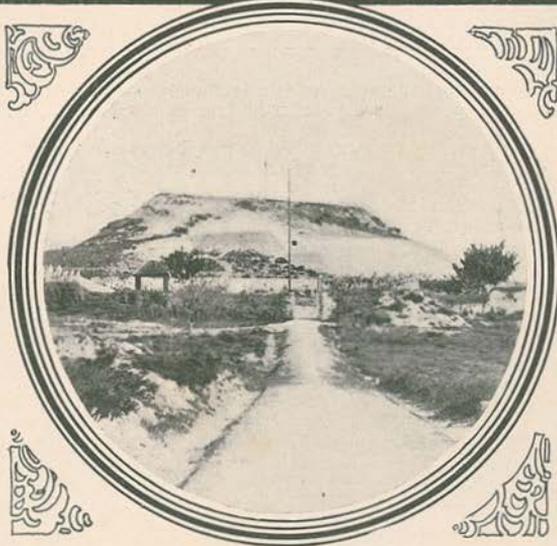


irem defender a fronteira e d'esta multidão que parece por vezes indiferente e apatica saiu uma legião.

E' o milagre d'uma raça a resurgir, a galvanisar-se no mesmo fremito, no mesmo entusiasmo: são milhares de bocas pedindo espingardas ao som do refrain épico da *Portuguezza*:

Contra os canhões marchar

E eles, os humildes, os pobres, os que envergam a farda e os que não a teem, lá vão marchando á sombra da ban-



2—Papeleria Mesquita em Chaves: O edificio que mais sofreu com o ataque da artilharia concelrista. 4—Panorama de Chaves, a villa assaltada pelos realistas e d'onde foram bravamente repellidos. 5—Espalhão da carreira de tiro da guarnição onde os conspiradores assentaram uma peça de artilharia.

do a nossa vida, levando-a em desejos d'uma pura regeneração; eita a Republica, tratava-se de a amparar e de a fortalecer. Das nossas lutas saia sempre impoluta, sempre pura a republica. Atacavam-se os homens, salvava-se a idéa. N'um repente viu-se como apenas ella existia. Bastou que um bando afluorasse; na terra portugueza, arrastando artilharia, buscando impôr-se, procurando vencer, violado o direito das gentes, perturbado o sentir nacional. Logo todos se uniram e, quando os primeiros tiros se dispararam, os corações portuguez



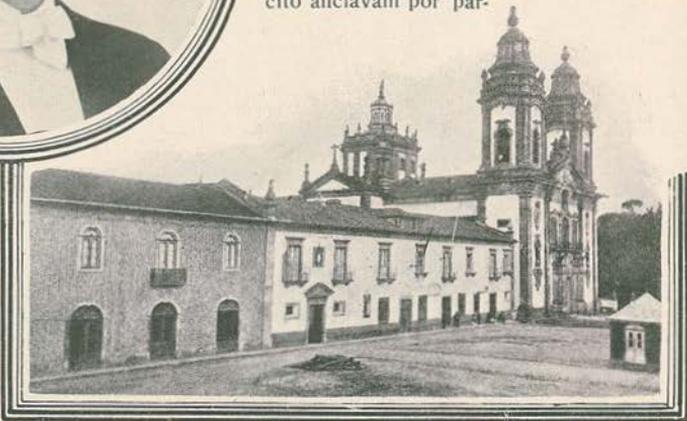
O administrador do concelho de Cabeceiras de Basto, João Augusto Mendonça Barreto, fuzilado pelos rebeldes



O secretario das finanças de Cabeceiras de Basto, sr. Joaquim Augusto Ramos Taborda, ferido pelos rebeldes.

zes sentiram rudemente o seu eco. Foi como se dentro d'elles acordassem todas as velhas recordações guerreiras que fez d'este povo uma legião heroica. Surgiu a mais estreita solidariedade; os braços ergueram-se a pedir com que rechassem inimigos e em todos os pontos onde eles apareceram lá estavam patriotas para os repelir. Punhados de soldados novos, recrutados da vespera, filhos do povo que entraram nas fileiras ha mezes, foram cantando para a guerra. E que tristeza funda nos que ficaram! Que desolação nos que não eram necessarios!

Os officiaes do exercito anciavam por par-



2—Cabeceiras de Basto: O edificio da Camara Municipal e o mosteiro de Refoios

tir contra os invasores mas atraz de si, bravamente, com palavras de puro entusiasmo nos labios, as multidões apareciam. Como é consolador constatar este facto, como é belo sentir que somos bem um povo que ao menor alarme tudo sacrifica pela integridade da sua patria!

As mães viram os filhos nas fileiras e, se os seus corações sentiam o terror de os ver na luta, os seus olhos só choraram ás escondidas para os não desencorajar. E isto não foi só nas cidades onde o espirito democratico se arreigou mais, foi tambem nos campos. E' que toda aquella gente, o camponio como o cidadão, o analfabeto como o letrado, sentiu que corria a defender a sua patria, as suas fronteiras violadas.

E' assim uma epopéa; é assim uma afirmação soberba de um arranco cheio de lealdade, cheio de patriotismo. Renasce-se; revive-se. Quando um povo se levanta assim sem uma hesitação, quando uma maioria se ergueu como vimos agora, está-se n'uma terra que não póde falecer.

As aldeias mais mesquinhas viram passar os regimentos e saudaram-nos com a mesma lou-



Sr. Domingos José de Magalhães que estava junto do administrador de Cabeceiras de Basto, no momento d'ele ser fuzilado, e que apanhou com uma bala, morrendo momentos depois n'uma casa onde foi recolhido.

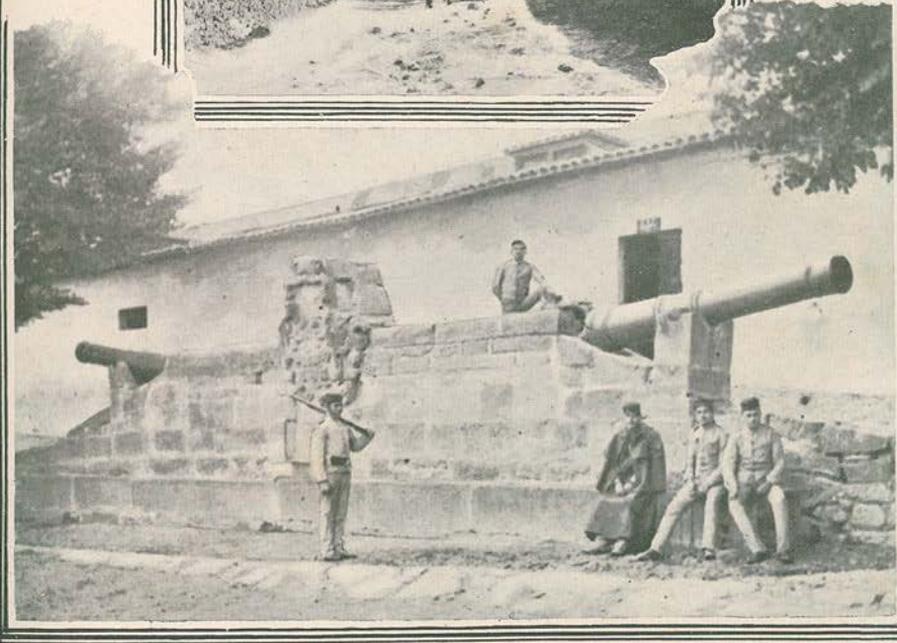
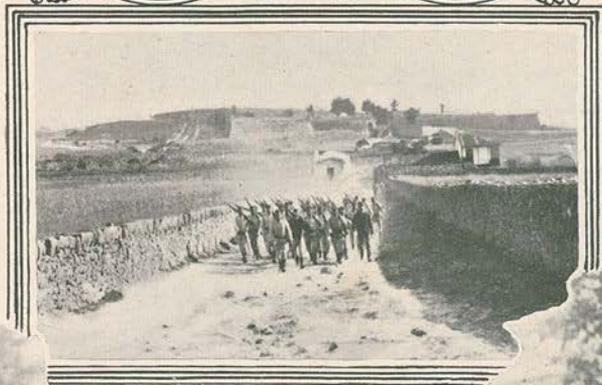
cura, com a mesma ternura. O soldado foi o amigo; o civil que o seguia o irmão querido.

N'estas horas febris em que os corações batem mais depressa é que se analisa o fundo d'uma raça: Portugal está dando um exemplo de firmeza e de coe-rencia.

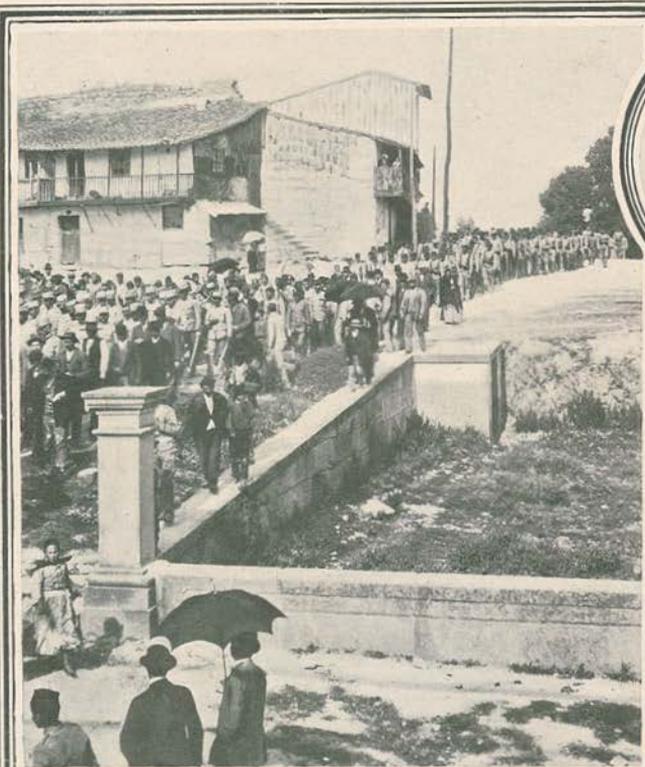
Os soldadinhos bisonhos e trigueiros que Napoleão dizia serem os melhores do mundo, a quem durante dias entregou a guarda de



Paris, no tempo da sua epopéa, eles que ha um seculo dormem pelos vastos campos da Europa onde o guerreiro os conduziu ou nas sepulturas da nossa terra onde bateram o genio do grande general, teem agora os seus dignos descendentes nos netos que vão defender a fronteira como heroes, como amanhã, levados ás maiores batalhas, seriam sempre os primeiros.



1—Srs. José de Mesquita administrador do concelho de Chaves. 2—Capitão da administração militar sr. Bernardino Seta que com alguns soldados e civis foi o primeiro a romper o fogo contra os realistas em Chaves. 3—Forte S. Neutel em volta do qual se entrincheiraram os conspiradores fazendo fogo contra as tropas republicanas. 4—O forte de Chaves onde estão aquarteladas as forças.



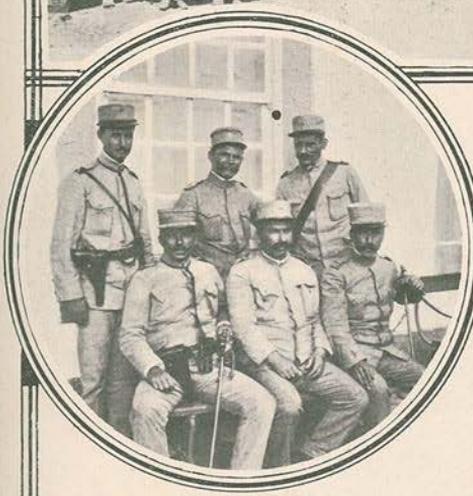
1—Cabo de infantaria Albano de Souza Dias, morto em combate contra os invasores.
 2—Os funerais do cabo Souza Dias e d'um soldado de infantaria 19.
 3—Um monte de cadaveres de invasores, encontrados no campo de batalha.

Sempre houve nas almas lusitanas uma ancia de independencia, uma sêde de libertação que se afirmou com as hostes romanas, com as mesnadas de Castela, com os rancezes em todas as horas de perigo, agora d'uma maneira brava mais uma vez afirmada.

Paiva Couceiro veio da terra estrangeira em pé de guerra com os seus caudilhos, os seus padres, os seus apanguados e encontrou a dar-lhe combate, a reprová-lo, a reprovar o seu ato não apenas regimentos, soldados, officiaes, mas um paiz inteiro ao som da *Portugue-*



(Clichês especiais enviados ao «Seculo» e à «Ilustração Portuguesa», pelo seu dedicado correspondente de Chaves, sr. Nicolau Mesquita.)



1—Chaves: Cavalaria 6 saindo para ir em exploração a Soutelinho da Raia. 2—Oficiais de infantaria 19 que tomaram parte na ação de 8. Da direita para a esquerda: em pé aspirante Eusebio Silva, tenente Afonso Pereira e tenente José Gomes; sentados: alferes Fortunato Pires, tenente Francisco Soares e tenente Artur Almeida Carvalho. 3—Os estragos feitos por uma granada na casa do capitão Maia Magalhães que dez minutos antes saíra para o campo de ação. 4—Chaves: grupo de soldados recrutas de infantaria 19 que tomaram parte na ação de 8, tendo junto uma das peças apreendidas.

za que é o
hino da patria
que se pretendia
violentar.

E' bem
assim. Isto é
uma grande pro-
va. Revive-se.



1—Rondando o campo. 2—Espada, pistola, maia e bastão de D. João d'Almeida. A' direita o sargento Carneiro que o conduziu ao quartel de Infantaria 19, depois de preso pelos soldados Albino Adrião e Francisco Antonio Pinheiro. A' esquerda o cabo Francisco Gregorio que o auxiliou.
3—O capitão Maia Magalhães, com o varapau, que lhe serviu de amparo para ir até a linha de fogo. (Cliché de Benoit)

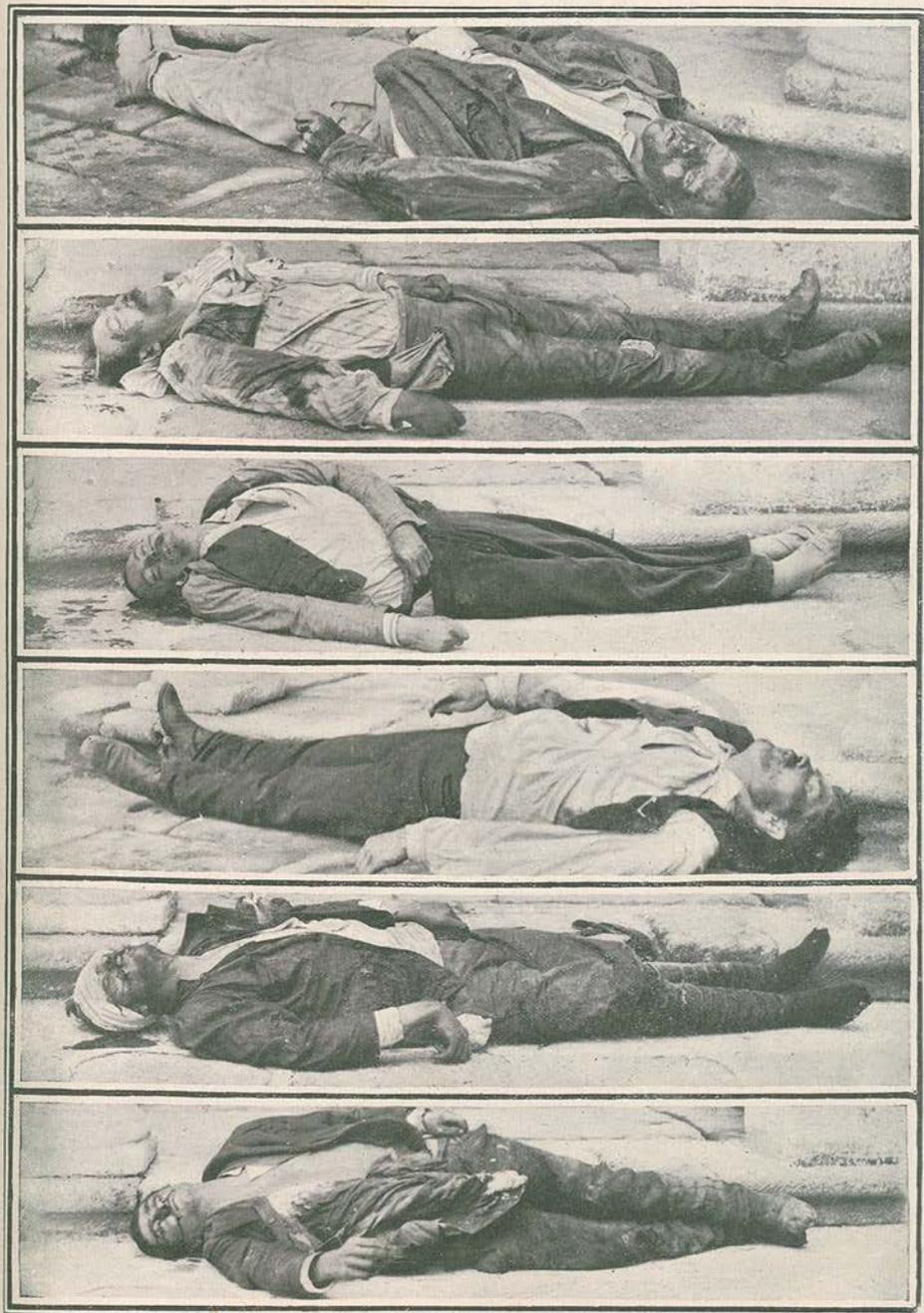
Portugal, com taes filhos, pôde esperar, pôde confiar. Achou-se o valor do passado, ha de caminhar-se no futuro!



4—Grupo de guardas fiscaes e civis de Montalegre que veiu em perseguição da columna de Couceiro até Chaves commandado pelo sargento Julio—(Cliché do sr. Paulino Serimonias)

COMBATE DE CHAVES

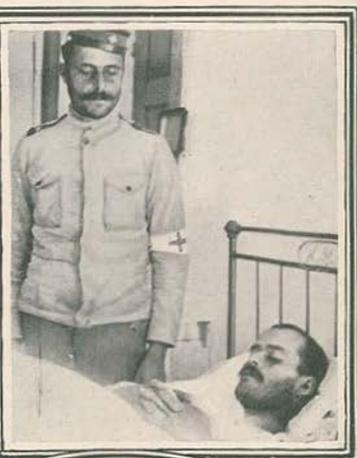
MORTOS DESCONHECIDOS DEIXADOS NO CAMPO PELOS INVASORES



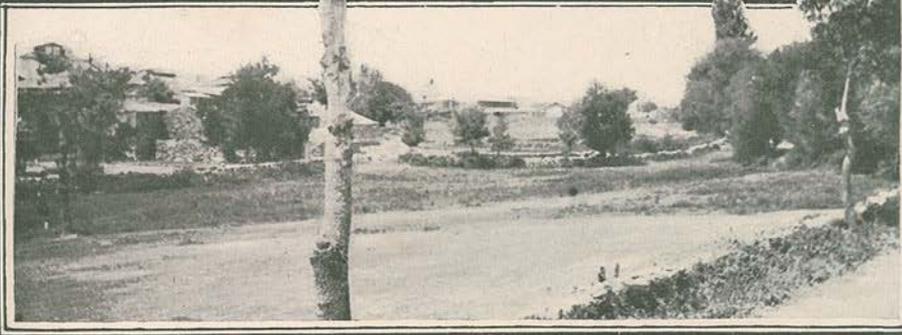
(Clichés expressamente tirados pelo sr. Paulino Serimonias para o «Seculo» e «Ilustração Portuguesa»)



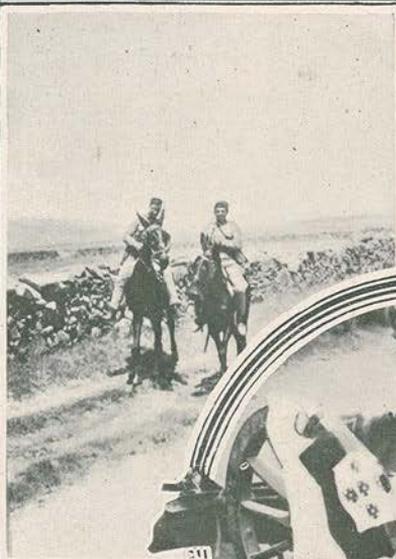
1 e 2—Chegada d'uma força a Chaves com conspiradores presos, munições, sacos e parte d'uma metralhadora apreendida no Motelo



3—Burro e munições apreendidas no Motelo e trazidas para Chaves. 4—Faustino d'Oliveira, ex-polícia n.º 535 de Lisboa e impedido de Paiva Couceiro momentos antes de falecer no hospital de Chaves. 5—Peça apreendida no combate de Chaves coberta no rodado pela bandeira dos realistas. 6—O cavalo montado por D. João d'Almeida quando foi preso.—(Clichés de Benoit)



1—Montes de Vila Verde da Raia, onde divacaram as forças couceiristas e mais tarde ocupados pelas forças republicanas. (Cliché de Benolie) 2—Sr. Francisco Vidal, chefe da estação telegrafo-postal de Vinhaes, que tão excelentes serviços prestou. 3—Os presos de Vinhaes guardados por soldados da cavalaria (Cliché do dedicado correspondente do «Seculo», sr. Anselmo Dias) 4—Vila Verde de Campo, onde se deu o combate de 7. (Cliché de Benolie)



1—Rondando as estradas.



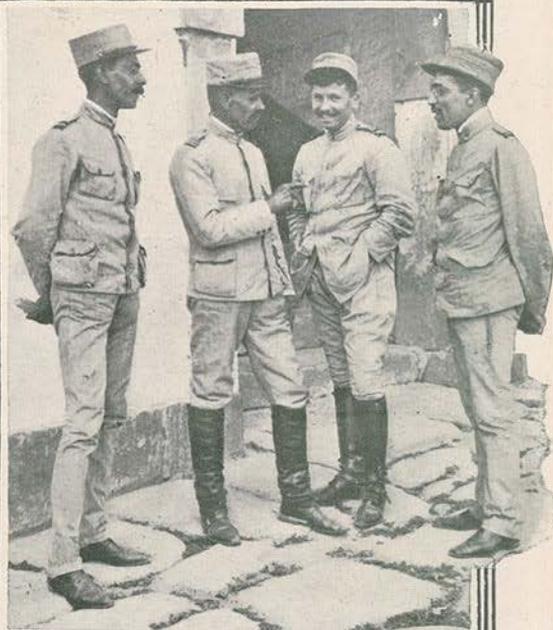
2—Os efeitos da granada da casa do sr. Nicolau de Mesquita.



3—A peça apreendida por praças de cavalaria 6 e as duas bandeiras azues e brancas, uma de flanela e outra de séda. 4—O prisioneiro D. João d'Almeida conduzido no meio de uma escolta—(Clichés de Benolle)



1—A bandeira nacional que tornou a ser içada no posto fiscal de Vila Verde, no meio de calorosos vivas, pelo comandante do posto aspirante Almeida e pelo valoroso tenente Barreiros, depois de rechassados os invasores.



2— Capitão de cavalaria 6 Custodio d'Oliveira que comandou o ataque contra os couceiristas em Chaves. 3— Capitães Mendes Serra, de cavalaria 6, alferes Beieza, Castro Silva e Marrecas, de cavalaria 6, que comandaram as forças saídas de Sapião para Chaves e que fizeram uma marcha de 27 kilometros e 600 metros em 1 hora e 15 minutos, entrando de seguida em fogo.



Os primeiros conspiradores que invadiram a fronteira entraram por Vila Verde, perto de Chaves, onde acamparam sendo varridos a tiro da artilharia republicana, ficando alguns mortos e internando-se o resto em Hespanha.

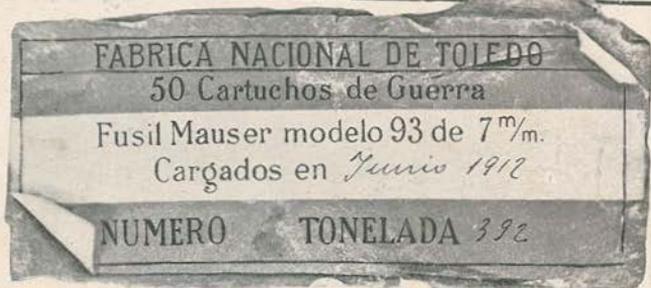
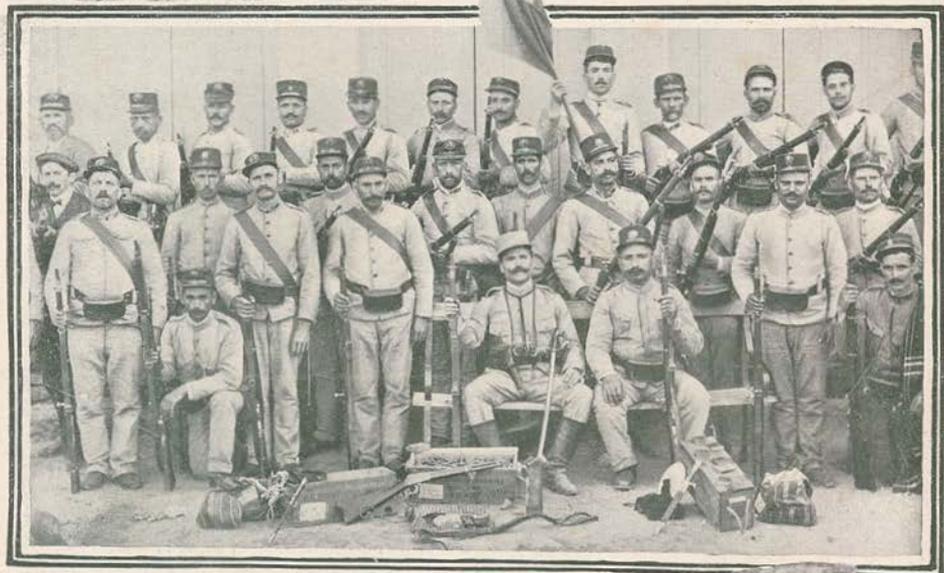
1— Os officios que tomaram parte na açao de Vila Verde e Saragoga: Modesto Barreto, Adão Nogueira, Marrecas, Carmoná e Castro e Silva.



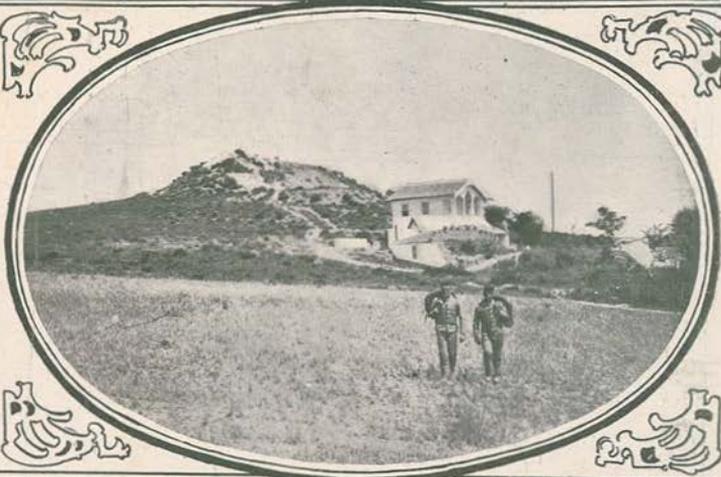
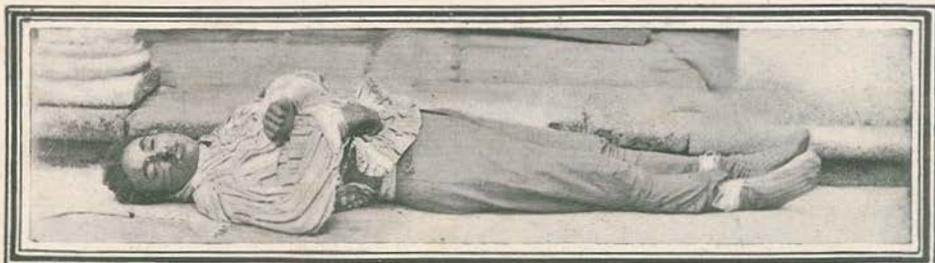
—Officios de cavalaria e do estado maior que foram aos postos avançados, conversando com o capitão Francisco Filipe de Sousa, chefe dos serviços aduaneiros. 2— Sr. Antonio Moura Moraes Soares, regente da escola central de Chaves, que foi preso pelas tropas de Couceiro quando ia para exames n'um logar proximo. 4—Efeitos das granadas nas casas de Chaves.



1—Adelino Adriano e Francisco Pinheiro, soldados de cavalaria 6, que prenderam D. João d'Almeida, a 8 quilômetros de Chaves. (Cliché Benollet) 2—Paiva Couceiro e um dos seus tenentes quando da entrevista de Douvres. (Fotografia recente do Central-Photos). 3—Sr. Vitorino Pereira Vidago, o civil que muito se expoz, combatendo á frente sempre no maior perigo, distinguindo-se na avançada, e ao lado do qual calu morto o cabo Sousa Dias. 3—Sr. Manuel Miguel Alves Nobrega, que, entre os relevantes serviços prestados na ação de Chaves, fez o de ir avisar a artilharia a caminho de Montalegre para retroceder a Chaves. 5—Sr. José Fernandes Canedo, organizador e chefe dos civis, que deu exemplo combatendo denodadamente e assistiu á retirada desordenada dos conspiradores. 6—Chaves: Soldado de cavalaria 6, trazendo preso um couceirista.



1—Armamento apreendido aos conspiradores em Cabeceiras de Basto. 2—Capela de Nossa Senhora dos Milagres, de Vila Verde da Baía, cujos sinos os conceiristas tocaram a rebato (Cliché Benoît). 3—Grupo de guardas florestais, comandados pelo tenente Pires de Moraes, que atacou a artilharia inimiga perto de Chaves. (Cliché do sr. Paulino Serimontas) 4—Algumas armas apreendidas aos invasores em Chaves. 5—Letreiro dos cartuchos de que vinham muniçados os invasores.



1—Cadaver de D. Pedro Vila Franca, ferido no combate de Chaves, vindo a falecer no hospital. (Clichê do sr. Paulino Serimonias) 2—O contra-mestre da charanga de cavalaria é, um dos heroes do combate do dia 8 que se bateu á coronhada contra 4 conspiradores. (Clichê do sr. Paulino Serimonias) 3—O monte Espaldão onde os invasores collocaram as suas guardas avançadas tendo estas chegado á casa que se vê no soarê do Monte (Clichê de Benolle) 4—Colchão d'uma cama atravessada por um projétil que depois foi cair sobre a cama do capitão Maia Magalhães momentos depois d'este official se ter levantado. (Clichê do sr. Paulino Serimonias)



1—Sr. Joaquim Aveilar Pinto Tavares, alferes de cavalaria, ferido junto á carreira de tiro, em Chaves, quando voltava de um reconhecimento. O enfermeiro Gomes arranja-lhe a almofada. 2—Tenente Alexandre Macedo, ferido no combate de Chaves. Tem ao lado o dr. Mota Campos, capitão-medico director do hospital. 3—Grupo de guardas-fiscaes de Vila Verde, comandados pelo tenente Barreiros, que conteve o avanço da columna de conspiradores que invadiu aquele posto. (Cliché enviado por Nicolau de Mesquita, correspondente do «Seculo».)

Entre as armas apreendidas n'esse memoravel combate de Chaves ha artilharia numerosa, espingardas e cunhetes de polvora onde se veem as marcas das fabricas hespanholas que as forneceram. Os cartuxos teem as indicações da fabrica nacional de Toledo e a data do mez de junho em que se sabia



4—Espingardas, balonetas, sabres, malas, cartucheiras, granadas, e panelas, apreendidas ao inimigo por praças de infantaria

positivamente ter-se feito uma grande expedição de armas e munições em automoveis com destino aos conspiradores e que amigos dedicados de Portugal revelaram.

Tambem foram apreendidas relações de pessoas que com elles tinham entendimentos e papeis referentes ao seu movimento.



1— Ao longe o Alto da Força onde estiveram acampados os couceiristas. 2—Estragos das salas da artilharia de Couceiro no liceu de Chaves. 3—Alferes Beleza e Lobo e sargentos Carneiro, Benito, Batista e os soldados de artilharia 4 que, no Alto da Força, desalojaram as peças de Paiva Couceiro

Alguns homens do povo em Cabeceiras de Basto amotinaram-se e foram para os montes de combinação com a gente de Pavia Couceiro, alvejando a tiro alguns dedicados republicanos e o administrador, do concelho sr. João



2—Os amigos dedicados que acompanhavam o administrador do concelho poucos momentos antes das descargas e que foram os primeiros alvejados: Grácio Ferreira, professor; 3 Ernesto Pereira Leite Bastos, 4 Januario Leite Bastos ajudante de notario e presidente da junta parochial de Refoios.

de Mendonça Barreto que ficou morto. Tomaram conta da vila, conduzidos



1—Em Cabeceiras de Bastos: Praça Barjona de Freitas (lado sul) onde foi fuzilado o administrador. O sinal ◊ indica o lugar d'onde os revoltosos fizeram as suas descargas. ◊ sinal (*) marca o sitio onde elle estava.



pelo padre Domingos e ali estiveram fazendo todos os atropelos até que diante das forças republicanas foram



5—A casa ◊ marcada é onde foi recolhido o administrador Mendonça Barreto e pertence ao negociante sr. José Teixeira Leite Basto.

obrigados a retirar para as cercanias onde lhes foi dada caça.

As casas dos chefes realistas padres Domingos e Manuel no logar da Rapozeira foram queimadas; ficaram apenas as suas paredes atestando a colera d'uma parte



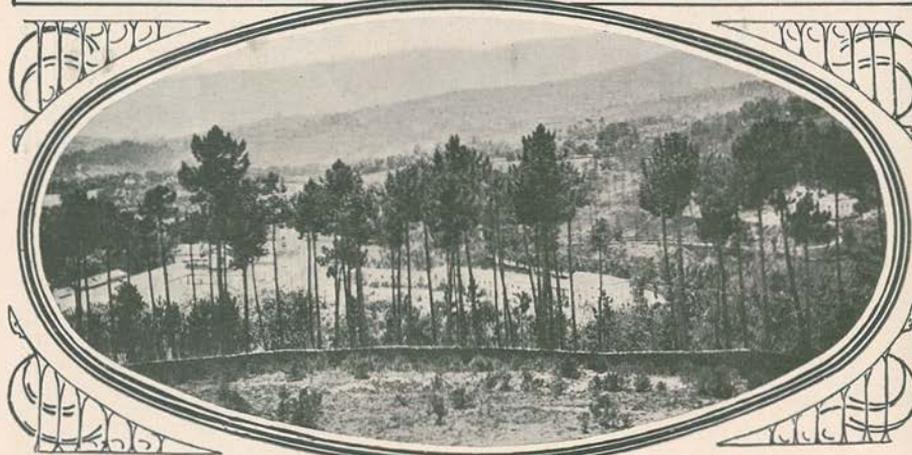
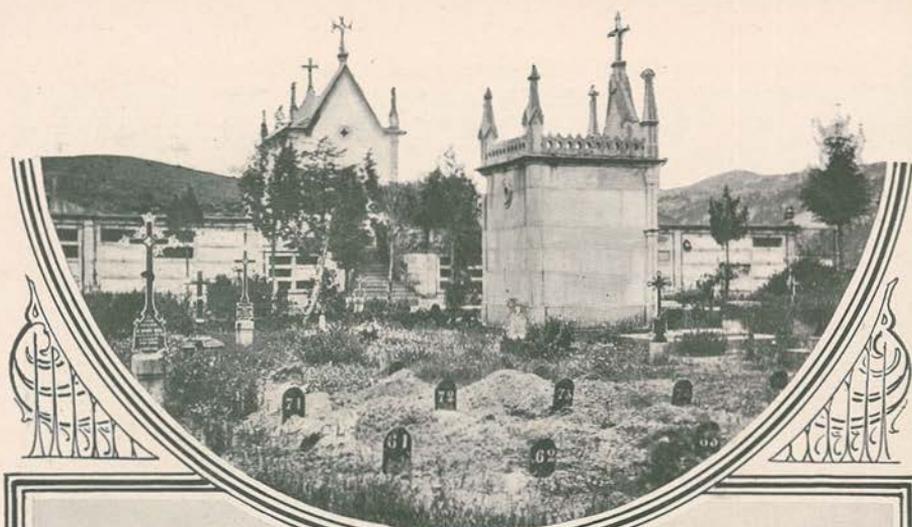


canos deviam beber. Pouco tempo depois a vida de Cabeceiras de Basto, logo que as tropas fieis entraram na vila, normalizou-se e a gente da terra foi vendendo no seu mercado os produtos aos militares e juntando-se com eles n'uma fraterni-

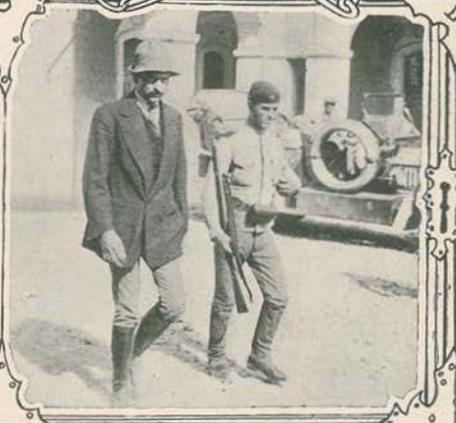


1—Cabeceira de Basto: O coronel Sarsfield, comandante de Infantaria 5, visitando o acampamento da praça Barjona de Freitas. 2—Tropas a caminho de Montalegre. 3—O coronel Sarsfield ordenando os preparativos de marcha d'uma companhia para Montalegre. 4—Companhia do capitão Rocha Pinto de infantaria 5 a caminho de Montalegre com carros e munições.

do povo contra eles. Um taberneiro envenenou o vinho que os soldados republicanos bem afirmada na manifestação feita por ocasião da derrota de Couceiro.



1—Cabeceras de Basto: O cemitério, em Sintra de Monsos, d'onde os conspiradores fizeram fogo sobre a vila. 2—No alto da Ermida, junto do cemitério: Um posto de observação alvejando uma guerrilha. 3 — Cabeceras de Basto: Vista do cemitério, através uma fila de pinheiros



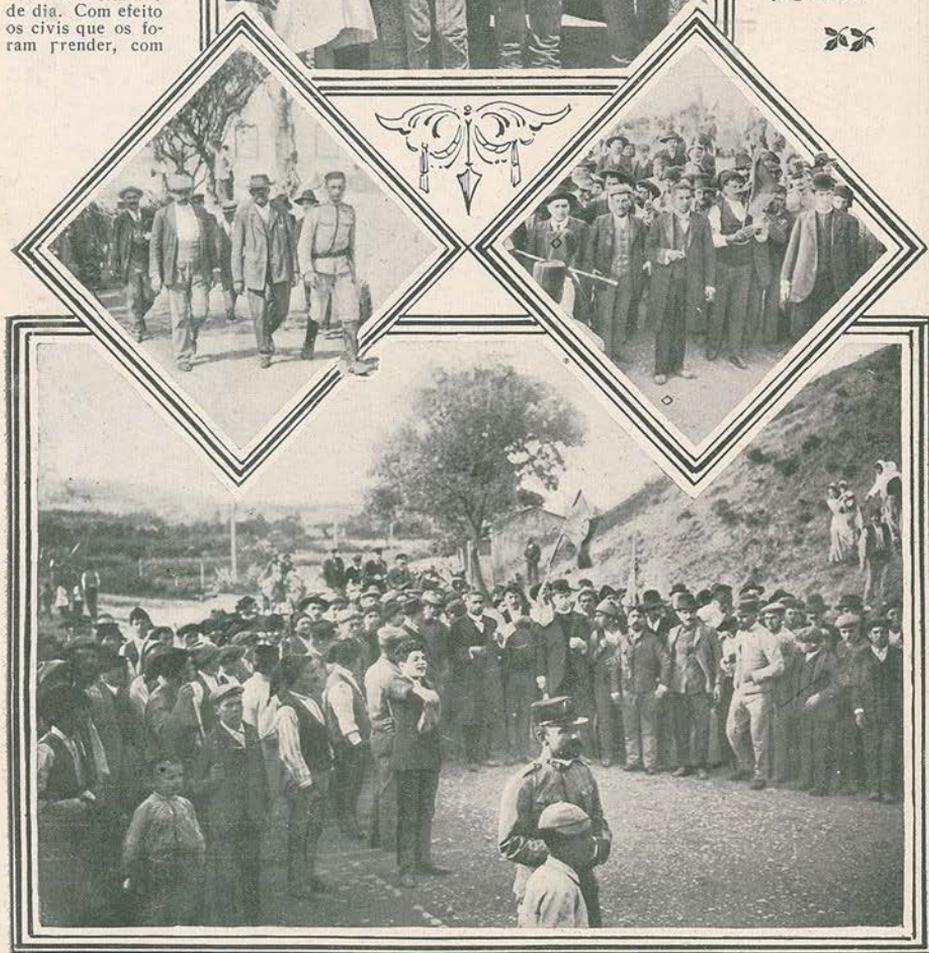
1—O casal da serra da Carregueira onde estavam os conspiradores Augusto Peres Brum da Silveira, Vasco Belmonte, Francisco Ficalho e Laurentino Pereira. 2—Objetos apreendidos aos conspiradores da Carregueira. 3—O conspirador cavaleiro tauromaquico Augusto Peres preso. 4—Civis que efetuaram as prisões, no quartel de Queluz. 5—D. Vasco Belmonte preso na Carregueira, no quartel de Queluz

Na serra da Carregueira, proximo de Belas, n'um casal pertencente ao sr. Manuel Ventura Vitorino, grande proprietario de Linda-a-Velha, foram descobertos armamento e munições que a caseira declarou pertencerem a Francisco Ficalho, D. Vasco Belmonte e A. Brum da Silveira, genro d'aquelle lavrador, bem como a outros que frequentavam misteriosamente a casa, velando de noite e dormindo de dia. Com effeito os civis que os foram prender, com



alguns soldados da bateria de Queluz, apanharam-nos deitados, conduzindo-os depois, com todas as armas apreendidas e alguns cavalos, para o quartel da bateria.

A' noite, a multidão, ao saber que eles eram conduzidos a Lisboa invadiu a «gare» procurando linchal-os, o que foi evitado pela fórma como os levaram da estação para o castello de S. Jorge onde ficaram aguardando o julgamento.



1—Os caseiros da Carregueira. 2—A policia conduzindo preso, ajudado por um cabo d'artilheria de Queluz, Manuel Ventura Vitorino, o «Papa Tabaco», rendeiro do Casal da Carregueira. 3—Os priores de Fanhões, Loures e Bucelas. 4—Os priores de Fanhões, Loures e Bucelas, que foram expullos das freguezias pelo povo—(Lichés de Benollet)

A HOMENAGEM A MOUNET-SULLY

romântico, romântico nos seus gestos, nas suas atitudes, mesmo na sua figura de homem belo, romântico na entonação da sua voz, no ardor, por vezes excessivo, da sua declamação ampla e sonora, romântico ainda nas preferências dos seus papeis e na forma como os interpreta. E eu creio que, assim compreendido, ele é sem rival, o maior de todos, o derradeiro talvez d'uma serie pequena em numero mas enorme em gloria.

A mais recente vez em que eu vi Mounet-Sully foi n'uma das recitas que no passado inverno Isadora Duncan deu no Chatelet.

As cenas de tragedia mimadas e dançadas pe-

Esse Mounet-Sully, festejado agora em Paris pelo quadragésimo aniversario da sua estreia na Casa de Molière não é certamente todos o sabem — um grande ator moderno, do genero de Guitry. E' o tipo perfeito do autor

1—O grande ator na «Vieillesse de D. Juan»
2—O seu mais recente retrato.

la interessante americana eram precedidas por versos ditos pelo decano do Théâtre Français. E os senhores não podem calcular quanto era pouco admiravel (porque o respeito me impede de dizer grotesto) esse veneravel velho de longas barbas brancas, envergando uma casaca, segurando umas lunetas e lendo as suas quadras com a enfase tonitroante com que dizia, em outros trajos, uma cena capital de tragedia antiga. *Une drôle d'impression; je vous le dis...*



1—Mounet Sully, no «Roi s'amuse» (Saint Valler)



2—No Orre-
tes, 3—No
«Ôtelo», 4—
No «Oedi-
po Roi»

Comtudo ao vê-lo, eu não podia deixar de recordar-me de que esse homem metinha dado uma das maiores, mais profundas, mais formidáveis impressões d'arte da minha vida. Foi no *Edipo*, quando pela primeira vez o vi. Ainda hoje me parece ouvir os seus gritos, ainda agora eu tremo ao recordar essa caminhada tragica do rei cego aavez das colunas do seu palacio. Deve ter sentido uma impressão identica Barbey d'Aurévilly que depois da primeira representação pelo grande ator da tragedia de Sophocles escreveu estas palavras que eu vejo transcritas agora n'um artigo de homenagem:

«J'avais entendu parler de lui comme d'un extravagant d'audace et d'enivrement d'une beauté que les hommes, pires que les femmes, ne pardonnent jamais à un homme, même au théâtre et dans les rôles ou le talent n'existe pas sans la beauté. Mounet Sully est entré dans ma tête pour la première fois en *Œdipe roi*, et ç'a été une entrée triomphale...

...Si la voix n'est pas le tonnerre de velours la voix de Talma elle n'en a pas moins été dans *Œdipe roi* un tonnerre, qui a roulé en éclats depuis les premiers vers de la pièce jusqu'aux derniers, avec une puissance de sonorité qui s'est brisée enfin—était-ce art ou fatigue? mais, ici, la fatigue ressemblait à l'art!—dans ce flot de larmes et de pitié qui finit par noyer toutes les horreurs de ce drame splendidement horrible...

...Mounet-Sully a été de taille avec ce pala s, avec ces colonnes, avec ces marches qu'il descend et qu'il remonte dans des majestés si différentes... Il a mugí, avec sa seule voix, ce rôle auquel le théâtre antique attachait un masque qui doublait le volume de la voix, et il en a varié les diverses physionomies comme l'acteur antique, avec son masque immobile, ne pouvait pas, lui, les varier! Il a été sans exagération, sans trompe l'œil, sans le masque et le cothurne antiques, l'*Œdipe roi* du théâtre grec comme on le jouait à Athènes,— et de plus il a été l'*Œdipe roi pensé* et *réalisé* par un moderne, à qui deux mille ans de christianisme ont appris toutes les expressions de la douleur humaine que ne savait pas la société antique comme nous chrétiens, nous la savons, et cela aurait certainement étonné comme nous Athènes et Sophocle, si mardi soir ils l'avaient vu!»

Em Mounet-Sully, os seus amigos, a critica e o publico não festejaram só o comediante a cu'o talento a Comédie deve tantas e tantas noites gloriosas. Eles viram tambem no grande artista o trabalhador indefesso que em quarenta anos de luta jámais deixou de pôr acima de tudo, imaculado e belo, o seu ideal d'arte. D'essa arte ele fez uma religião, da Comédie um templo. E nunca mais convencido e eloquente sacerdote ali prégoou as maximas da sua fé.



FIGURAS E FACTOS

O tenente da armada Manuel Alberto Soares, que fôra absolvido do crime de conjura contra a Republica, ao passar junto á Brasileira do Rocio foi reconhecido pela multidão que o seguiu, apupando-o. Aquele official tomou então uma attitude hostil e recolhendo-se no pateo do hotel Francfort disparou sobre o povo a sua pistola. Alvejado d'entre o grupo de populares foi ferido com tres tiros, falecendo quando o levavam para o hospital de S. José.

A sr.^a D. Maria do Carmo de Vasconcelos, que em sua companhia vivia, suicidou-se quando lhe participaram aquele acontecimento.



As mulheres da liga republicana foram entregar ao senador sr. Adriano Pimenta um protesto contra a frase pronunciada no senado ácerca das suas pre-

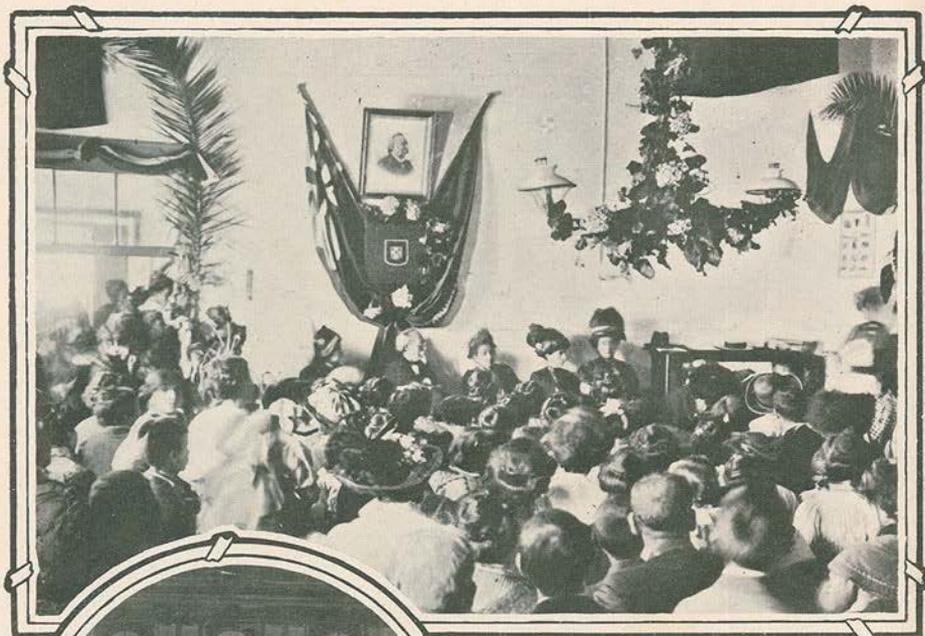


tenções ao voto, na qual as dizia sem carater.

A Liga das Mulheres Portuguezas e das mulheres socialistas tambem apoiou aqueles protestos.



1—O tenente da armada Manuel Alberto Soares, morto por uma bala de pistola por um popular quando se defendia a tiro da multidão que o apupava como antigo conspirador á porta do hotel Francfort. 2—Sr.^a D. Maria do Carmo de Vasconcelos, que se suicidou ao ter conhecimento da morte do tenente Alberto Soares. 3—A Liga feminina que foi ao Parlamento tratar da questão do voto das mulheres. 4—O pianista compositor brasileiro. 1.^o premio do Conservatorio de Paris que amanhã realisa um brilhante concerto no Salão da «Ilustração Portugueza». 5—Manuel d'Arriaga Brum da Silveira, filho do Presidente da Republica e nomeado ultimamente consul em Portalegre (Brazil) 6—Tenente-coronel Silverio Augusto Teixeira da Silva, falecido em Lisboa.



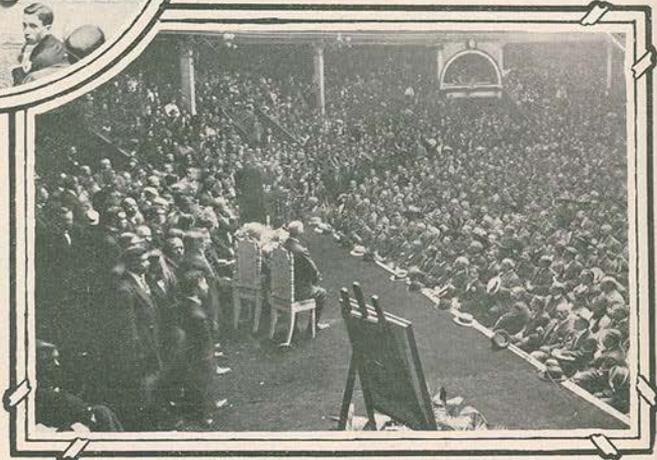
1—Na Liga para instrução das analfabetas: A sessão a que presidiu o chefe do Estado em 7 de junho

O presidente da Republica presidiu á sessão no instituto destinado á educação das analfabetas, cujo segundo aniversario se celebrou em 7 de junho, sendo distribuidos premios ás melhores alunas.



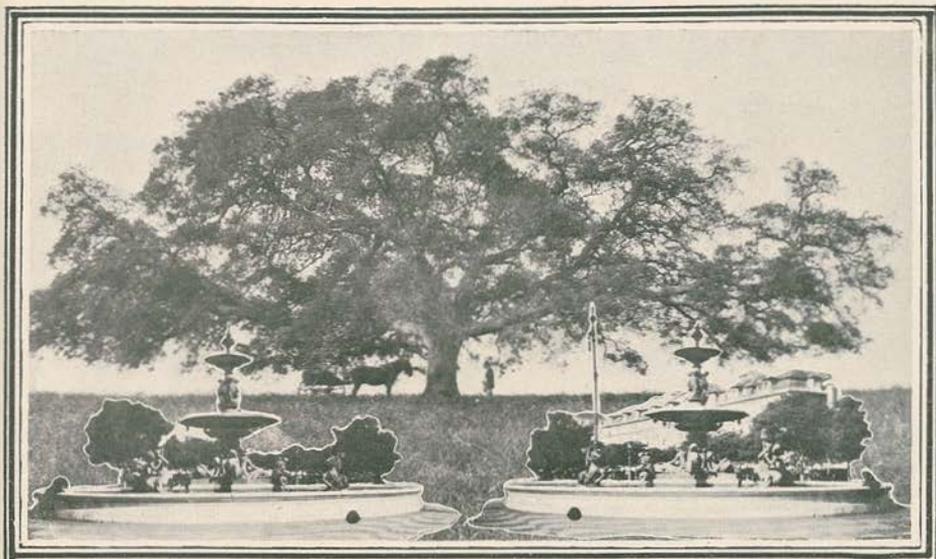
(Clichés de Benoliel)

O Centro Evolucionista inaugurou-se com uma sessão solene a que presidiu o sr. dr. Antonio José d'Almeida e na qual se expôz o programa d'aquelle partido de que o ministro do interior do governo provisório é ins- pirador.



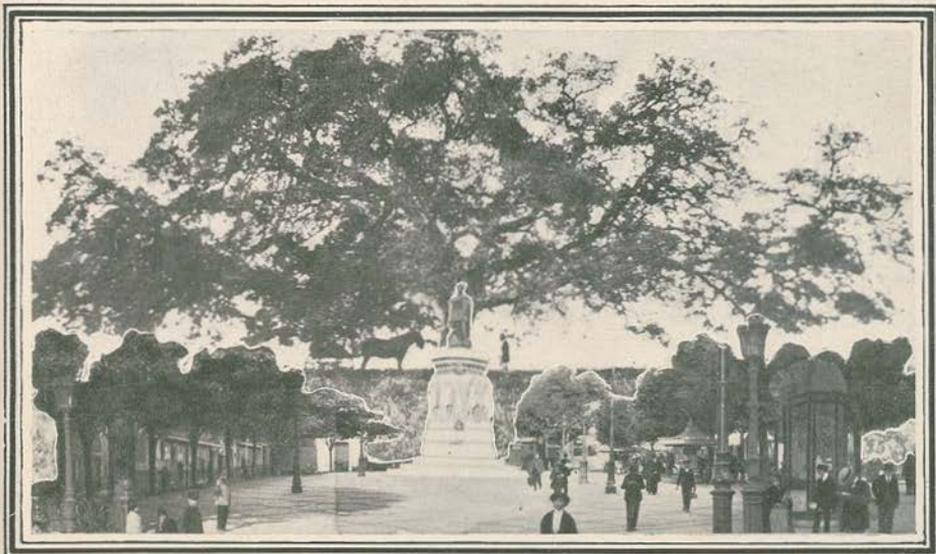
2—A meza na sessão inaugural do Centro Evolucionista, vendo-se na presidência o sr. dr. Antonio José d'Almeida. 3—A sessão inaugural do Centro Evolucionista no Coliseu dos Recreios.

Uma azinheira gigantesca



A' coleção de belos exemplares da flora do nosso paiz junta hoje a «Ilustração Portugueza» mais um, devido á cativante lembrança do sr. Miguel Coelho Frazão, de Serpa, e ao trabalho não menos cativante do distinto fotografo amator sr. Antonio de Melo Breyner. E' uma azi-

33 metros na maior dimensão. Para fazermos uma idéa clara da area que cobre a sua sombra, apresentamos sob a sua projeção os dois tanques do Rocio (14,00 de diametro (fotografados na mesma escala e a praça de Camões (30 metros de largura) que ficaria abrigada



nheira da herdade do Peixoto, pertencente á ex.^{ma} condessa de Ficalho (sr.^a D. Maria de Melo). Tem 4,0030 de circunferencia no tronco e a sua magestosa ramada tem

por ela, incluindo os passeios lateraes, se a bela arvore occupasse o logar da estatua do nosso primeiro poeta.

A matinée Benetó no Salão da „Ilustração Portuguesa”



1—Os executantes no palco com o ilustre violinista Benetó. 2—Um trecho da assistência.

Benetó na execução de trechos de Mozart, Berlioz, Charpentier, Haydn e Wagner sr.^{to} D. Sara Primo da Costa, D. Lúcia Batista, D. Fernanda de Bourbon, D. Lucinda Ivo, D. Maria Otavia Sena além do artista e os srs. Pedro Freitas Branco, Carlos Burnay e Vasco Sanches; a sr.^a D. Camila d'Avila e o sr. Primo da Costa, que a pianista D. Ester Primo da Costa d'uma maneira brilhante auxiliou.



1—No alto da escada do salão. 2—A entrada do salão.
3—Trecho de assistência. 4—Na escadaria do salão.
(Clichés de Benetó)

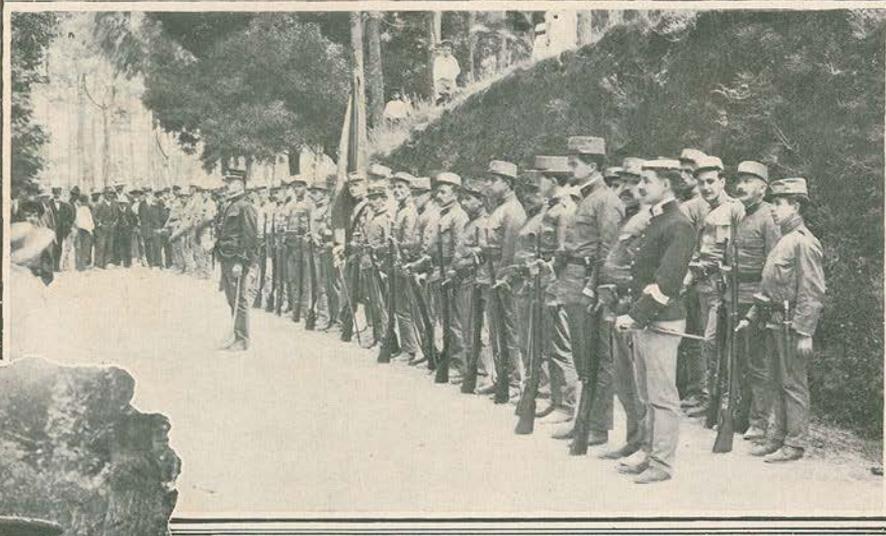
O exímio violinista Francisco Benetó realizou em 7 de julho, no salão da «Ilustração Portuguesa» uma «matinée» musical na qual apresentou alguns dos seus melhores discípulos.

No nosso meio musical este artista tem um lugar saliente e é uma figura de destaque a impôr-se d'uma maneira superior que resae e se marca d'uma fôrma surpreendente. Quando se anunciou o concerto em que ele tomaria parte os bilhetes foram disputados, todos os seus admiradores e o publico desejaram assistir a essa audição magistral.

O salão encheu-se e ao soar a «Gavotte» de Lulli, executada pelo violinista, os espectadores romperam em aplausos obrigando-o a repetir esse formosissimo trecho, assim como aplaudiriam o sr. Freitas Branco ao tocar a «Havanaise», de Saint-Saens.

Seguiram-se então os discípulos de Francisco

O primeiro batalhão de voluntários do Porto



Os batalhões voluntários tem prestado os mais relevantes serviços e os recentes acontecimentos da fronteira vieram demonstrar cabalmente a necessidade da sua organização. Entre eles o batalhão do Porto taque pela forma dos tem sabido com o maior em alto patriotismo.



1—Uma fração do batalhão.
2—O comandante do batalhão sr. coronel Luz com o deputado dr. Angelo Vaz um dos directores do batalhão. 3—Alguns dos dirigentes do batalhão: (1) coronel Luz, (2) Pinto Azevedo, (3) Couto Moniz, (4) alferes Oliveira Santos instrutor do batalhão, (5) primeiro sargento Perdigão, (6) deputado dr. Angelo Vaz, (7) capitão Soares ajudante do coronel Luz, (8) tenente Aguiar, (9) Silva Ferraz. Os srs. Pinto d'Azevedo, Couto Moniz e Silva Ferraz, membros da direcção do primeiro batalhão.—(Clôchês do sr. Almeida Correia)